

# sessões do MAGNÁRIO

VOL. 20 | N. 33 | 2015 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2015.1>



CURTA NOSSA  
PÁGINA



Crédito: Christo and Jeanne-Claude The Umbrellas,  
Japan-USA, 1984-91 | Photo: Wolfgang Volz © 1991 | Christo

## P.01

Um milhão de amigos no *RJTV*:  
o telespectador como produtor  
de conteúdo

Christina Ferraz Musse e  
Cláudia de Albuquerque Thomé

## P.10

Sobre *Sete ondas verdes espumantes*:  
diálogos entre estética poética, *road  
movie*, literatura...

Dieison Marconi Pereira

## P.95

Percepções estéticas da comunicação  
contemporânea: entrevista com  
Vincenzo Valentino Susca

Fernanda Lopes de Freitas,  
Isabella Smith Sander e Karina Weber

# Percepções estéticas da comunicação contemporânea: Entrevista com Vincenzo Valentino Susca

*Aesthetic perceptions of contemporary communication: Interview with Vincenzo Valentino Susca*

Fernanda Lopes de Freitas<sup>1</sup> ,  
Isabella Smith Sander<sup>2</sup> , Karina Weber<sup>3</sup> 

Vincenzo Valentino Susca é professor e pesquisador da Universidade Paul-Valéry - Montpellier III - e tem Doutorado em Ciências Sociais na Universidade Paris V (Sorbonne) e em Ciências da Comunicação na Universidade de Roma (La Sapienza). É pesquisador ligado ao CEAQ, de Paris, ao ISIMM, de Roma, e ao McLuhan Fellow da Universidade de Toronto. Publicou *A l'ombre de Berlusconi. Les medias, l'imaginaire et les catastrophes de la modernité*; organizou a obra *Immaginari Postdemocratici*, em conjunto com Alberto Abruzzese, e ainda o livro lançado pela editora brasileira Sulina, sob o título de: *Nos limites do imaginário – O governador Schwarzenegger e os telepopulistas*.

**Sessões do Imaginário:** Em sua opinião, a retroalimentação, ou o modelo dialógico que o senhor utiliza, pode ser atestado pela tribalização de nossa sociedade e seus efeitos?

**Vincenzo Valentino Susca:** Com efeito. Nessa dinâmica, o campo societal e social dos objetos vive em um processo de vai e vem. É cada vez menos a técnica, o sistema dos objetos, que se impõe. Ao homem, é o humano que o recebe, o absorve, o digere e que, depois, o transforma em outra coisa. Há uma contribuição contínua que nos transforma em uma coisa, depois nos retransforma em outra coisa e assim por diante. Podemos imaginar que somos criaturas do produto que nós criamos.



ENTREVISTA



OUÇA A ENTREVISTA

Crédito da imagem: Valentina Airoidi



**SI:** As manifestações que ocorreram em 2013 no Brasil, bem como os movimentos populares que surgiram antes ao redor do mundo, como a Primavera Árabe, são exemplos de emoção pública? O senhor pode falar um pouco sobre esse conceito?

**VVS:** Sim, com certeza são exemplos de movimento viral, que se difunde por contaminação de emoção pública. Se pode dizer que são sujeitos tecnossociais que não são mais guiados pela razão. Não é mais a razão que rege o sentimento, mas, sim, a sensibilidade que começa

a pensar, através da emoção, da paixão, dos sentimentos, do onírico. Se bem que nós vemos os sujeitos desses eventos criando uma efervescência festiva e, também, que vive do instante. São manifestações que revelam uma forma de desacordo entre a maneira que, no Brasil, por exemplo, vive a população e o quadro social proposto pela instituição. Como não havia acordo entre os dois, a emoção pública explodiu. Para fazer surgir essa maneira de ser e para restabelecer, remodelar o território à sua imagem.

**SI:** Por que o senhor crê que esse estado de erotismo generalizado pode ser, ao mesmo tempo, a conexão e a morte do sujeito?

**VVS:** Porque nesse relatório de interdependência e compenetração - a palavra compenetração me parece pertinente - o sujeito se aproveitar do outro, vai, de alguma maneira, encontrar o prazer de estar com o outro, de estar sob o olhar do outro. Essa relação tem algo da ordem do toque, do erotismo. Isso faz com o indivíduo saia de seu estado de separação e dissonância. A morte é, de fato, o momento em que o indivíduo - segundo as palavras de Jorge Bataille - descobre a continuidade através do outro. Isso porque, a partir desse momento, o indivíduo não existe mais, se não através do outro. Além disso, em relação às redes numéricas, à vida tecnológica contemporânea, essa morte é, também, a morte do humanismo. Em meio a essa compenetração do sujeito com a técnica, há, também, o coração. E, de repente, se agita o coração do sujeito que morre.

**SI:** Se da orgia, ou conexão coletiva, se produz a morte do sujeito, isso não seria o retorno ou um sincretismo com o individualismo?

**VVS:** Não, acho que não, porque a morte do sujeito é a crise do individualismo. Podemos dizer que nessa forma de orgia eletrônica, sensual e baseada na imaginação, pois as coisas são relativas umas às outras, os indivíduos não são mais separados, autônomos, fragmentados e nem mesmo humanos. A modernidade foi baseada nessa figura e foi, também, violada, para que essa figura ressuscitasse. Por isso, acredito que a vida contemporânea vê o indivíduo cada vez com mais homenagens. Nós estamos mais sozinhos, mas jamais estamos sozinhos. Evidentemente que, mesmo antes, não estávamos sozinhos, mas, hoje, estamos mais.



**SI:** O senhor fala de uma catástrofe da modernidade. Nesse sentido, como o senhor vê o papel do mito que retorna atualmente? Seria uma simples forma de idolatria, ligada à questão da visualidade, ou seria uma maneira de captar um lugar simbólico?

**VVS:** Bom, eu acredito que o retorno de outra forma simbólica é mais uma continuação da história, ou mesmo depois da história. Podemos dizer que nos identificaremos cada vez mais com o mito, o sonho que nos permite estar lá. É um contexto de pós-materialismo e, nesse contexto, a vida material é, mais e mais, realizada segundo a imagem da vida material. É algo mais evidente na vida eletrônica, e o retorno do simbólico está lá para provar. Mesmo se precisássemos especificar, ocorre um simbolismo lúdico, oníricos, sentimental e sensível, antes de um simbolismo vertical, universal e racional.

**SI:** Como o senhor compreende o sucesso do fantástico atualmente, por meio de sites e filmes? Como o senhor relaciona esse sucesso com a modernidade?

**VVS:** Eu creio que o retorno do fantástico mostra a que ponto aquilo que ficava limitado à ficção e era marginal à vida coletiva, o fantástico, o sonho, que acontece durante a noite, como um parêntese da vida cotidiana, é, cada vez mais, a base da vida material. Nós somos feitos da mesma base que os nossos sonhos. Podemos, pouco a pouco, compartilhar nossos sonhos, pois são coisas que nos estruturam. Nós sempre sonhamos e, hoje, nossos sonhos podem ser feitos com o outro. Sonhamos durante a noite, e o sonho prossegue em nossa vida cotidiana. Acho que as séries mostram isso bem. As séries mostram, ao mesmo tempo, um fantástico maravilhoso, extraordinário, bizarro e, também, banal, ordinário e cotidiano. Veja que, nessa figura de sucesso

televisual, o ordinário e o extraordinário, o fantástico e o banal se encontram.

**SI:** Como o senhor compreende as redes sociais da internet, neste momento de visualidade em que vivemos, de relações mediatizadas pelas imagens?

**VVS:** Justamente, a circulação das imagens proporcionada pelas redes sociais multiplica o mundo possível e recria a nossa experiência a partir de imagens que vêm uma parte de fantasia e outra da própria experiência. Na verdade, nós deslocamos o céu de hoje em dia. Posso dizer que o céu dos meus contatos neste momento é o mesmo que o meu, está lá também, estrutura as nossas ações. Além disso, a imagem puramente produzida pela fantasia é uma imagem habitada. Antes, falamos sobre idolatria. Eu penso que há uma idolatria, como Michel Maffesoli diz, e é exatamente o contrário do que dizia a modernidade, banindo a imagem, com o iconoclasmo. Ao contrário, há uma celebração contínua da imagem, que percebemos, cada vez mais, pagã, festiva, politeísta e relativista. Isso é importante, pois a imagem sagrada, protegida pelo iconoclasmo, é monoteísta e universalista, enquanto a imagem que circula hoje é politeísta, relativista e pagã.

**SI:** O senhor pensa que a religião é algo que vai diminuir ao longo do tempo?

**VVS:** Não. A religião tradicional está em crise, a do universalismo e do monoteísmo. Há uma multiplicação do politeísmo e, cada vez mais, o desenvolvimento de igrejas que respondem às situações tribais, momentâneas, ligadas à situação. Eu acredito que a igreja, como estrutura burocrática, transcendente, piramidal, universalista vai passar por uma crise e as formas de tribos fundamentalistas, tribos místicas e new age vão proliferar.

**SI:** O senhor diz que a modernidade é a conclusão da desanimalização do sujeito e que, atualmente, há um retorno dessa animalização, pela emoção. O senhor pensa que é impossível separar o homem de seu animal interior?

**VVS:** Sim, acho impossível. Nós tentamos e fizemos muito esforço para separar, e esse esforço nos levou a formas de exacerbação da animalidade, como a guerra. Hoje, nos encontramos em meio à sensibilidade, sentimentos, animalidade, que são, de toda forma, orgânicos, que nos ligam, de toda maneira, ao instante.

## Referências

ABRUZZESE, Alberto; SUSCA, Vincenzo. *Immaginari post-democratici. Nuovi media, cybercultura e forme di potere*. Milão: Franco Angeli, 2006.

SUSCA, Vincenzo. *A l'ombre de Berlusconi: les médias, l'imaginaire et les catastrophes de la modernité*. Paris: L'harmattan, 2006.

\_\_\_\_\_. *Nos limites do imaginário – O governador Schwarzenegger e os telepopulistas*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

## Notas

- 1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista Fapergs. (PPGCOM/PUCRS, Av. Ipiranga, (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619- 900, Porto Alegre – RS, Brasil). E-mail: docalopes@yahoo.com.br.



- 2 Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619- 900, Porto Alegre – RS, Brasil). E-mail: sander@gmail.com.
- 3 Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas. (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619- 900, Porto Alegre – RS, Brasil). E-mail: karinaweber.rs@gmail.com.